

Discurso – Paraninfo
Colação de Grau Psicologia / UFMG

Prof. Dr. Fábio R. R. Belo

Prezadas Colegas Professoras da mesa, Colega Servidor Técnico Administrativo,
Senhores/as Familiares, Queridas/os alunas/os,

Recebi com muita alegria o convite para ser o paraninfo dessa turma. Quero em primeiro lugar agradecer pela honra que me foi concedida. Perguntei para Bárbara sobre o que eu devia falar hoje para vocês. Ela me disse: “Algo que nos demonstre as dores e os amores desta profissão que escolhemos”. A tarefa é árdua, portanto. As dores e os amores de ser psicólogo. Acreditem: são muitas, são muitos. Para falar disso, gostaria de usar uma metáfora que tenho trabalhado nesse semestre. Trata-se de uma linda frase de Guimarães Rosa, presente no conto “Desenredo”, de *Tutaméia*: “Todo abismo é navegável a barquinho de papel”.

A primeira interpretação que se pode fazer dessa frase é que se trata de uma metáfora muito cara à psicanálise e à psicologia: devemos ser humildes diante dos abismos da alma humana. Não temos mais que barquinhos de papel para navegá-la. É preciso ser suave para navegar nessas águas de muitas dores e amores. É uma frase otimista: apesar dos abismos, é possível navegar e chegar onde se almeja.

Barquinhos de papel também são uma imagem do frágil e do transitório. Trata-se de uma advertência, portanto, contra nossa onipotência. Acreditar demais em nossas teorias, como se fossem navios à prova de qualquer tempestade, como se fossem imunes a qualquer naufrágio. Não. A psicologia não é um navio desse tipo. A Psicologia é um bom barquinho de papel para navegar abismos – e devemos fazer um esforço para que assim se mantenha. Recuar diante da onipotência de tudo saber, de tudo enfrentar apenas com esse barquinho.

Há duas tentações a serem evitadas. A primeira é acreditar que impermeabilizar demais é uma solução contra naufrágios. Essa tentação leva a um apego excessivo ao barquinho que temos. A segunda tentação é simplesmente deixar dissolver nas águas profundas da alma humana todo e qualquer barquinho. Isso também deve ser evitado: é preciso um lugar a partir de onde possamos estar firmes para operar o que sabemos. A solução, acredito, é voltar à margem muitas vezes – à terceira margem, para usar outra metáfora de Rosa – e refazer nossos barquinhos. Continuem, portanto, a se formar: hoje é apenas uma cerimônia. A formatura mesmo é ao longo da vida e para sempre. Pintem, ampliem, troquem... brinquem com seus barquinhos. Não esquecer: até como timoneiros somos tripulantes...

Barquinhos de papel também são uma excelente metáfora para a capacidade que temos em transformar as coisas. Psicólogos são convocados pela cultura para transformá-la. Vocês serão chamados pelo mundo do trabalho, do adoecimento psíquico, dos dilemas sociais... Nesse momento, verão que não bastarão as aulas básicas que tiveram. Terão que ir além dos infantis chapéus, aviões e barcos. Vocês serão chamados para serem mestres origami. Vão ter que aprender essa arte das dobras. Os amores e as dores da psicologia exigem a

paciência da transformação. Exigem saber que não há metamorfose automática, natural no que tange aos fenômenos humanos. É sempre preciso de um outro que nos auxilie nas dobras, nos encaixes. Exigem ainda saber do tempo específico de cada um e dos limites dessas transformações.

A metáfora dos barquinhos de papel traz um risco. Alguns podem acreditar que a melhor maneira de ser é buscar uma natureza do papel e deixá-lo o mais próximo possível a essa natureza essencial. Gostaria de convidá-los a criticar fortemente essa posição. Não, nós não temos natureza, não temos essência. Somos seres políticos e pulsionais, pulsionalmente políticos, politicamente pulsionais. Não recuem nunca diante da tarefa de transformar a si mesmo, ao outro e ao mundo. Recusem de forma categórica toda concepção que visa reduzir o humano a uma natureza imutável. Recusem enfaticamente a ideia de que não há soluções melhores e mais inventivas para os problemas do mundo humano.

Espero que ao longo da graduação de vocês e que a partir desse rito simbólico de passagem, quando nos tornamos colegas de profissão, possamos lutar juntos contra aqueles que desejam fixar barquinhos de papel (os seus próprios, mas principalmente os dos outros) em lugares eternos, isso quando não desejam afundá-los...

Ser psicólogo é abrir espaços de navegação para mais barquinhos diferentes, tornar os abismos menos escuros e menos sujeitos a naufrágios e ataques. É isso que vão encontrar no dia a dia dessa profissão que escolheram. Impossível não lembrar dos versos de Pessoa. Navegar é preciso, pois exige sim teoria, estudo e dedicação. Viver não é preciso porque nunca teremos manuais prontos sobre como viver, pois viver como psicólogo, insisto, é a arte política e pulsional de cuidar de si e dos outros.

Quero desejar a todos uma boa navegação, saibam que na UFMG há portos sempre prontos aguardando vocês para reabastecimentos e construção de novos barquinhos. E que as marés nos sejam suaves e proporcionem encontros e trocas. Obrigado mais uma vez por me convidarem a participar dessa festa. Naveguemos juntos.

Belo Horizonte, 05/09/2014